

224



**UNEB**  
**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**  
**DEPARTAMENTO DE CIENCIAS HUMANAS – CAMPUS IV**  
**JACOBINA – BAHIA**

*Dayvid Junio Sena e Joana D'Arca de Freitas Bispo*

**HIPERTEXTO:**

**ESCRITAS E LEITURAS NO SÉCULO XXI**

Jacobina  
2008

224

DAYVID JUNIO SENA E JOANA D'ARCA DE FREITAS BISPO

**HIPERTEXTO:**

**ESCRITAS E LEITURAS NO SÉCULO XXI**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como instrumento parcial de avaliação do componente curricular TCC, do curso de Graduação em Letras com Inglês.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Jacy Bandeira

Jacobina  
2008

**Dayvid Sena e Joana D'Arca de Freitas Bispo**

**Hipertexto: Escritas e leituras no século XXI**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como instrumento parcial de avaliação do componente curricular TCC, do curso de Graduação em Letras com Inglês.

Orientadora: Profª. Jacy Bandeira

Jacobina – Ba, \_\_\_\_\_ de Junho de 2008.

Conceito: \_\_\_\_\_

Observações: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura da orientadora

Às nossas mães, pelo exemplo de disciplina e perseverança demonstrado durante todos os dias de nossas convivências, principalmente no decorrer da elaboração deste trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Somos gratos á todos os professores, alunos e pessoas que de forma direta ou indireta contribuíram para o aprofundamento da nossa leitura e escrita sobre tema abordado. Em especial para professora Jacy Bandeira que no momento decisivo da formação acadêmica, nos estendeu a mão e trilhou este caminho conosco.

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
2. Da cultura do papel à cultura digital: Letramentos.....	10
3. Hipertexto: Em busca de definições.....	13
3.1 Hipertexto: A prática da leitura e suas transformações....	19
3.2 Hipertexto e Sentido.....	24
3.3 Ensino e aprendizagem: Uma perspectiva hipertextual....	29
4. Considerações Finais.....	34

## RESUMO

Este trabalho apresenta as modificações ocorridas no uso da linguagem e comunicação na sociedade, sobretudo pela evolução dos suportes da escrita com o advento da informática e da internet. Inclui um breve histórico sobre as etapas que inicialmente a comunicação acontecia, abordando a oralidade, as primeiras representações escritas, os manuscritos, a imprensa e por fim a escrita digital. Promove ainda, uma reflexão em torno dos efeitos comportamentais, sociais, econômicos e cognitivos que as tecnologias emergentes propiciam aos grupos sociais.

Palavras-chave: Hipertexto – Leitura – Escrita – Virtual - Digital.

## ABSTRACT

This paper presents the changes developed in the use of language and communication in society, furthermore by the evolution of the writing supports with the Information Technology and the Internet performing. It includes a quick description about the stages of communications, starting with the verbal communication continuing with the first writing representation then to the manuscripts, the press and finally the digital writing space. The paper also promote a reflection on the effects over behavior, the social aspects, economics and the cognitive impact with the ascension of technologies which raises in the social groups.

Keywords: Hypertext – Reading – Writing – Virtual - Digital.

## Introdução

A partir de uma ótica na qual as tecnologias computacionais têm provocado transformações contundentes na sociedade contemporânea, é inegável que referências ao termo “hipertexto” têm surgido constantemente no cotidiano dos estudantes, professores e do público de modo geral. As inovações trazidas por estas novas tecnologias repercutem de modo efetivo na formatação da linguagem e nas relações sociais atuais.

Um dos fatores que integram progressivamente indivíduos a esta realidade, indubitavelmente, tem sido a aplicação de políticas que visam à massificação da produção de computadores e expansão da Internet, deste modo à utilização destes equipamentos tem crescido numa velocidade assustadora, permitindo que cada vez mais o contato com o computador e acesso a Web se torne uma realidade em diversas regiões.

Neste sentido, o movimento migratório de uma cultura tradicional estabelecida em torno do papel, para uma cultura centrada em torno da tela do computador, parece ter provocado grandes modificações nas formas com que os cidadãos organizam, gerenciam e executam suas ações, ou seja, as práticas sociais de leitura e escrita se alternam na medida em que os eventos interacionais entre leitor e código, possuem espaços distintos e características particulares de existência. Este processo fez com que diversos lingüistas e cientistas sociais desenvolvessem estudos em busca da compreensão destas novas tecnologias, bem como de que forma interferem nos meios de comunicação e na representação da escrita, além dos

impactos gerados nas formas de pensar e construir o conhecimento, explorando os diversos aspectos em relação ao uso de computadores e as novas práticas de leitura e escrita desenvolvidas naqueles ambientes, sobretudo nas superfícies de hipertextos.

A escrita digital (hipertexto) tem o seu suporte na Web (Ciberespaço), este se constitui tecnicamente pela interconexão mundial de diversos computadores, resultando numa rede estrelar projetada num ambiente virtual, abrindo possibilidades de aquisição de informação e comunicação de modo dinâmico e universal. O campo problemático no qual a presente pesquisa busca adentrar alicerça-se sob uma investigação na busca de saber até onde a leitura e escrita digital implicam na aquisição de novas práticas sociais de leitura e escrita distintas das já adquiridas na leitura-escrita tradicional, assim como, as possíveis mudanças que estes novos gêneros digitais podem trazer para a sociedade; nas atividades profissionais, nos centros de pesquisas, na economia, nas universidades.

No primeiro momento, descreveremos os processos que envolvem os atores participantes das interações onde a escrita é base integrante entre pessoas e ambientes, bem como a explicação das diferenças entre os conceitos de letramento e alfabetização, confrontando-os para estabelecer os limites e alcance que cada um exerce sobre a condição e o estado que cada ator deve alcançar para realizar com sucesso as práticas de leitura e escrita.

Dado a importância que as inovações das tecnologias computacionais trazem para sociedade, no segundo capítulo, abordaremos os avanços das tecnologias de comunicação e informação, assim como suas implicações neste percurso evolutivo. Desenharemos um panorama que retrata as interações humanas desde a revolução da Escrita nos primeiros estágios culturais e tecnológicos quando o homem passa pela oralidade, a escrita, a imprensa e a tecnologia da informação, onde, se inicia a construção de uma sociedade culturalmente baseada em textos lineares e no uso do alfabeto. Conscientes de que a história do pensamento não pode ser deduzida do aparecimento desta ou daquela tecnologia intelectual, já que os usos que dela irão fazer os atores concretos situados na história não são determinados com esta aparição, mas pelo contexto presente no qual estão inseridos, conforme pontua Levy (1993).

Todavia, levando em conta o momento promissor que estamos vivenciando nos dias atuais, visualiza-se que a necessidade de adaptação técnica por parte dos atores envolvidos no processo educacional, reflete um atraso para ações construtivistas que visem explorar racionalmente estes novos espaços virtuais onde o hipertexto está inserido, forçando os educadores e estudiosos da linguagem a repensar os objetivos educacionais, métodos de ensino e propostas pedagógicas afirma Xavier (2004).

Desta forma, a proposta deste trabalho, além de compreender a descrição cronológica do aparecimento das tecnologias intelectuais e seus suportes, incluirá a definição de hipertexto e suas divergências em relação à escrita tradicional, bem como algumas proposições de abordagens de ensino utilizando os espaços virtuais, sendo esta última tratada no terceiro capítulo, que terá como embasamento teórico os postulados de Levy, Chartier, Koch, Marcushi, Menezes, Xavier entre outros estudiosos.

Enfim, o objeto de estudo deste breve trabalho de iniciação científica, no qual, resulta da pesquisa bibliográfica que versam sobre o assunto, buscar-se-á apresentar, ainda que sem a pretensão de ter por esgotado o tema, a atualidade da discussão relativa ao fenômeno científico "hipertexto" e suas contribuições para o condicionamento da escrita e leitura nos ambientes virtuais. De modo geral, o texto descreverá algumas possibilidades do uso do hipertexto como estrutura multicelular que se inscreve num espaço de escrita novo, condicionando, sobretudo, as relações entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto, ressalta Soares (2002).

Portanto, navegaremos em busca dos diversos níveis de aprofundamento e desenvolvimento deste tema.

## 1. Da cultura do papel à cultura digital: Letramentos

Apesar da recém introdução no contexto da cultura do papel, o termo *letramento*, se refere às práticas sociais de escrita e leitura que acontecem com os eventos em que estas práticas são colocadas em uso, assim como as conseqüências que estas possam trazer à sociedade. Embora a alfabetização seja condição necessária para se chegar estado de letrado, Soares (1998), diz que o alfabetizado é aquele que adquiriu a tecnologia da escrita, sabe decodificar os sinais gráficos do seu idioma, mas ainda não apropriou completamente das habilidades de leitura e de escrita. Ou seja, um personagem que lê com dificuldades e escreve com pouca freqüência e quando pratica sua escrita produz apenas textos considerados simples como: lista de compras, bilhetes, preenchimento de formulários e coisas do gênero.

Assim, o letramento é tido como as conseqüências sociais, da introdução da escrita na sociedade, as mudanças provocadas nos grupos sociais quando as pessoas se tornam letradas, ao contrário da alfabetização, o letramento se estabelece além desta, não se limita no simples reconhecimento e reprodução de um sistema de escrita. Xavier (2003), diz que é a capacidade de enxergar além dos limites do código, fazer relações com informações fora do texto falado ou escrito e vinculá-las à sua realidade histórica, social e política, são características de um indivíduo plenamente letrado.

O letramento está relacionado diretamente aos eventos onde ocorrem estas práticas sócias, aqui denominados de *eventos de letramento*, mas envolve, sobretudo o estado ou condição de quem exerce as práticas sociais de leitura e escrita, de quem

participa de eventos, em que a escrita é a parte integrante da interação entre pessoas e do processo de interpretação dessa interação, afirma Soares (1998).

Por outro lado, com o aparecimento das novas tecnologias, baseadas na informática, a emergência de outros espaços de escrita, contribuíram para novos eventos de letramento, sobretudo diferentes dos baseados na cultura do papel. Estamos falando aqui da escrita digital, do hipertexto e das novas formas de ação, que se revelam em práticas sócias específicas e em modos diferentes de utilização da linguagem verbal e não verbal, aponta Xavier (2003).

Neste sentido, Xavier (2003) esclarece que, é possível que alguém mesmo sendo alfabetizado e letrado, ou seja, já 'dominando' a tecnologia da leitura e escrita e fazendo uso dos privilégios totais do letramento, seja ainda um "analfabeto ou iletrado digital". Portanto, o momento atual se mostra oportuno para questionamentos acerca das possíveis transformações do estado ou condição que está se instituindo a frente da leitura e escrita digital: o letramento digital, se este leva de fato a um estado ou condição diferentes daqueles que conduzem à escrita tipográfica.

A Cibercultura tem permeado todos os campos da ciência, este avanço, aponta para uma introdução na sociedade de novas e incipientes modalidades de práticas sociais de escrita e leitura, propiciadas pelas recentes tecnologias da comunicação eletrônica - o computador, a rede (Web) a Internet, sugere Soares (1998).

Portanto, a busca de um letramento digital, pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, quando comparado às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital, conclui Xavier (2003).

Por este viés, pode-se afirmar que o principal caminho para se adquirir o letramento digital é o domínio do letramento alfabético pelo sujeito, existe uma clara dependência do "novo" tipo de letramento em relação ao "velho". O letramento digital carrega diversas situações de comunicação e interação nunca vivenciadas antes das inovações tecnológicas trazidas pelas tecnologias computacionais.

Um exemplo das inovações trazidas pelas novas tecnologias são os dispositivos colocados nos aeroportos, estes conseguem facilmente identificar indiciados e suspeitos através do cruzamento de informações (cor, aparência, sinais externos entre outros), e associar aos sistemas internacionais de segurança, impedindo que delinquentes possam adentrar e atuar em outros territórios, assim melhorando a segurança dos países e filtrando o trânsito entre cidadãos de diversas nacionalidades, até pouco tempo, esta facilidade não seria palpável se não fosse a estrutura hipertextual que os bancos de dados adotam para cruzar as informações junto aos sistemas universais.

Tais configurações na forma com que as instituições e pessoas se relacionam com as informações constituem mudanças nas práticas sociais, estas, referem-se às formas com que um sujeito ou grupo social organiza, gerenciam e realizam suas ações dentro das peculiaridades trazidas pelos *eventos de letramento*, estes, estão diretamente agenciados pelos gêneros orais, escritos e digitais.

Embora os eventos de letramento digital tenham sido tratados como grandes condicionadores dos avanços nas práticas comunicacionais, estudos conduzidos por Xavier (2002), alerta para o seguinte:

Os prefixos da era digital (cibercultura) têm se fortalecido pela idéia de que a tecnologia determina o saber-pensar e o saber-fazer das sociedades onde ela é criada e "naturalizada" como parte das demais ferramentas que instrumentalizam o exercício de certas práticas sociais. Em outras palavras, este pan-ciberimperialismo, chega, nesta última década, solapando definitivamente as possibilidades de resistência cultural, política ou econômica na maioria das nações menos favorecidas da terra. (XAVIER, 2002, p.72)

Para este autor o pan-ciberimperialismo, representa a força econômica, política e cultural que algumas nações exercem sobre muitas outras, fazendo com que a imposição de uma mídia digital, pudesse de certa forma transformar as práticas sociais de diversos povos, sobretudo as práticas de leitura e escrita, provocando uma exclusão sócio-econômica ainda maior entre os povos, e, por outro lado, acentuando uma dissimulação das identidades e tradições culturais dos diversos grupos sociais. Tal movimento teria como objetivo final: uma hegemonização do controle sobre as informações e os saberes científicos, estes, podendo ser acessados por diversos

países pobres através da Web (internet). A concentração de poder e de saber seriam conquistada através desta nova armadura adotada pelos países dominantes (ricos) sobre os países dominados (pobres), e, finalmente, o tão sonhado império dos países ricos sobre os países pobres se consolidaria com a digitalização das informações.

Por fim, dados os limites e objetivos deste texto, não se pretende aqui discutir a sobreposição de um letramento “novo” sobre um “antigo”, mas situar os atores envolvidos neste processo histórico, e as possíveis transformações que os sujeitos históricos incorporam em virtude das adaptações práticas a partir de diferentes contextos, que por sua vez alteram-se de acordo com as convenções impostas pelas políticas em uma instância superior.

Portanto, nos próximos capítulos, iremos descrever melhor a atual concepção de escrita digital (hipertexto) e seus desdobramentos, as transformações práticas que ocorrem no processo de leitura e escrita hipertextual, assim como as possíveis contribuições que as novas tecnologias podem somar para a construção de uma educação inclusiva e eficaz.

## **2. Hipertexto: Em busca de definições**

Para melhor discutir o hipertexto como representação virtual da escrita e como possível ferramenta pedagógica do ensino-aprendizagem, cabe, inicialmente uma descrição cronológica dos fatos que culminaram na concepção de escrita e na de hipertexto atualmente.

Inicialmente, as comunidades utilizavam à comunicação oral, as ausências de um alfabeto e da escrita, faziam com que os conhecimentos, costumes e histórias fossem transmitidos de pai para filho através do verbo, assim sendo, todas as informações acumuladas e transmitidas tinham nesta época um único suporte: a memória. A oralidade, em seu processo natural de evolução, dividiu-se em oralidade primária e secundária, a primária remete a função da palavra na sociedade antes da

adoção de uma forma de representação escrita, a secundária está ligada ao oral como desdobramento da escrita, parecido como o que conhecemos hoje.

Na oralidade primária, a palavra tem como função básica a gestão da memória social, e não apenas a livre expressão das pessoas ou a comunicação prática cotidiana. Hoje em dia a palavra viva, as palavras que “se perdem ao vento”, destaca-se sobre o fundo de um imenso corpus de texto: “os escritos que permanecem”. No mundo da oralidade primária, por outro lado, situa-se antes de qualquer distinção entre *escrito/falado*. (LEVY, 1993, p.77).

Para o autor, na sociedade oral primária todas as formações culturais estavam baseadas nas lembranças que as pessoas tinham dos acontecimentos, nestas sociedades quando uma pessoa experiente morria, ali morria também uma biblioteca.

Após milênios, com surgimento da escrita o reconhecimento do saber oral foi perdendo o seu valor, e gradativamente foi sendo sobreposto pelo valor da escrita. No período neolítico, quando o homem começa a trabalhar na terra, e semeava sementes buscando a colheita do alimento, naquele ambiente começava também, de forma natural, o molde da argila buscando através das marcas impressas no barro, contabilizar a sua produção, assim começa a estabelecer uma situação de domínios sobre o tempo e o espaço.

Desde os tempos mais remotos a escrita se manifestou em vários meios e formas, primariamente foi na argila, também era esculpida na pedra, posteriormente na madeira e mais tarde no papiro, podendo ser registrada em qualquer matéria que pudesse aceitar gravação. Considerando que o objetivo deste texto, irá discorrer na sua maior parte em torno dos textos digitais, ou seja, do hipertexto, de acordo com a enciclopédia virtual que melhor reúne as características de um hipertexto, a Wikipédia (Biblioteca Livre), define a escrita como processo de registro de caracteres através de um meio, com a intenção de formar palavras e/ou outras amplas construções de linguagem.

Conceituando as fronteiras de interpretação do termo escrita, podemos dizer que a escrita compreende todo e qualquer registro realizado em matéria ou suporte que aceite gravação, Levy (1993), ressalta que:

A escrita permite uma situação prática de comunicação radicalmente nova. Pela primeira vez os discursos podem ser separados das circunstâncias particulares em que foram produzidos. Os hipertextos do autor e do leitor podem, portanto serem tão diferentes quanto possíveis. (LEVY, 1993, p.89).

O processo interpretativo emerge na relação existente entre texto e leitor, ambos geograficamente distantes e descontextualizados, o intuito do autor se constitui incerto, os espaços existentes entre a emissão da mensagem até a recepção, fazem com que os atores da interpretação trabalhem com afinco em busca de um sentido coerente. O exercício de interpretação tem tanto mais importância quanto mais às escritas em questão são mais difíceis de decifrar, como é o caso, por exemplo, dos sistemas de hieróglifos e cuneiformes, afirma Levy (1993).

Ao passo que a escrita se estabiliza como tecnologia intelectual, o surgimento da imprensa transforma consideravelmente a forma e os suportes com que os textos são transmitidos, dado que na época dos manuscritos o acesso ao texto sempre foi racionado, e em sua maior parte necessitava da intervenção oral de um leitor para interpretá-lo ao público, a máquina de prensa inventada por Gutenberg no século XV cria um marco na forma de relacionamento e acesso aos textos. Com a invenção da imprensa um novo estilo cognitivo foi instaurado, a inspeção de mapas, documentos, esquemas gráficos, tabelas e dicionários, encontram-se a partir de então o centro das atividades científicas, sugere Levy (1993).

Embora, a imprensa tenha trazido avanços sociais, como a popularização dos textos, as possibilidades de comparar diferentes variações de um texto, publicação em grande tiragem, não demoraria muito para outro rompimento com as formas de expressão do pensamento ocorrer. O sinal gráfico estático, delimitado nas páginas do livro, seria logo substituído pela visualização dinâmica imagética, graças aos dispositivos denominados computadores.

Dentro da perspectiva narrada durante o surgimento da comunicação e das tecnologias intelectuais, pode-se concordar que a aparição de outros suportes e/ou *espaços de escrita* fossem naturais, uma vez que o processo de escrita ainda encontra-se em pleno desenvolvimento.

Considerando os dias atuais, a evolução tecnológica e a fabricação em massa de dispositivos computacionais, surge um momento singular, no qual, a escrita tem sido realizada através do suporte informacional, quer dizer, em ambientes virtuais cognitivos. Na ótica de MARCUSHI (1999), esses espaços permitem que o virtual concretize o real e, o real se concretize no virtual, certamente, estamos chegando à transição que aponta para uma possível ausência da página, e conseqüentemente uma decomposição da linearidade textual e à desmontagem da própria tradição de texto, segundo propõe o autor. Entretanto, mesmo que este novo suporte de escrita tenha aspectos flexíveis e voláteis, ainda assim carrega algo em comum com a forma tradicional da escrita: O registro de informações para a humanidade.

De forma sintética e objetiva, a escrita não linear em sistemas informatizados denomina-se "hipertexto", caracteriza-se por diversos aspectos importantes, sendo dois deles mais perceptíveis quando comparamos com escrita tradicional: escritura não-sequencial e não-linear. Ou seja, as idéias se ligam através de nós a outros textos, de modo a permitir ao leitor virtual o acesso ilimitado a outros textos.

Inicialmente, Vannevar Bush, construtor da idéia de organização que mais tarde culminou na construção hipertextual, teve como objetivo principal em sua invenção, a criação de um sistema que pudesse indexar rapidamente qualquer palavra, texto ou significado, de forma a consultar uma biblioteca e todos os seus títulos.

"Any given book of his library can thus be called up and consulted with far greater facility than IF it were taken from a shelf. As he has several projection positions, he can leave one item in position while he calls up another. It afford an immediate step, however, to associate indexing, the basic idea of which is a provision whereby any item may be caused at will to select immediately and automatically another". (BUSH, 1945, p.10).

Para NELSON (1993), tratar-se-ia de uma instância que colocaria em evidência não só um sistema de organização de dados, como também um modo de pensar. Desde então, o hipertexto ficou conceituado como um simulacro dos processos que envolvem o ato de pensar. Neste sentido, Levy acrescenta que:

A memória humana é estruturada de modo que o homem compreende e retém melhor aquilo que está organizado em relação espacial, como é o caso das representações esquemáticas. Ora, o hipertexto propõe vias de acesso e instrumentos de orientação sob forma de diagramas, de redes ou de mapas conceituais manipuláveis e dinâmicos, favorecendo, desta maneira, um domínio mais fácil e mais rápido da matéria do que o audiovisual clássico ou o suporte impresso tradicional. (1993, p.18).

Para Levy, esta geografia conduz para o entendimento no qual o hipertexto foi primariamente concebido como uma projeção da forma arquiteturada do pensamento, proporcionando ao leitor desdobramentos cognitivos comparados com os do próprio ato de pensar. Entretanto, do ponto de vista técnico, BAIRON (1995) ressalta que, trata-se de um texto estruturado em rede, uma matriz de textos potenciais, de forma que cada texto particular vai consistir em uma leitura realizada a partir dessa matriz.

As portas que permitem a ligação de um texto a outro, são acessadas através do "link" <sup>1</sup>, este, é trilhado através de escolhas do leitor, assim a textualidade coesiva é construída na medida em que o ciberleitor identifica, associa e acessa os elos pertinentes ao tema pesquisado, formando desta forma as redes de sentido.

O hipertexto, através de sua representação não-linear permite ao leitor uma prática de leitura diferente da realizada em textos comuns, embora os textos comuns também possuam estrutura multilinear, isto é, as referências e notas que remetem a outros textos, são consideradas um convite à fuga da linearidade do texto impresso, embora, o leitor nem sempre sai do texto que está lendo para trilhar os caminhos propostos na escrita tradicional. Por outro lado, na escrita digital, a facilidade de acesso na rapidez de um clique remetem o leitor instantaneamente a outros textos correlacionados ao tema pesquisado.

Entretanto, do ponto de vista funcional, a estrutura hipertextual é utilizada para a organização de dados, conhecimentos, a aquisição de informações e a comunicação, servindo como núcleo informativo onde o usuário navegador é quem vai

---

<sup>1</sup> Elos e/ou Conexões presentes na escrita hipertextual.

escolher as possíveis trilhas a serem seguidas para a construção de uma rede de sentido coesa. Dentre algumas características do texto digital, as mais relevantes são:

- Volatilidade de informações, isto é, a constante atualização de sites e links, possibilita uma mudança rápida na divulgação e registro de hipertextos, surgindo e desaparecendo registros constantemente;
- Variedades de informação, abrangendo praticamente todos os campos da ciência;
- Rapidez e agilidade no acesso à informação;
- Agilidade e gratuidade do acesso aos hipertextos, com algumas exceções de materiais pagos;
- Espacialidade topográfica – trata-se de um espaço não-hierarquizado escritura/leitura, de limites indefinidos;
- Multissensuosa – por viabilizar a absorção de diferentes aportes sócio e sensoriais (palavras, ícones, efeitos sonoros, diagramas, tabelas tridimensionais etc.) numa mesma superfície de leitura;
- Descentração ou multicentramento – a descentração estaria ligada à não-linearidade, à possibilidade de um deslocamento indefinido de tópicos; contudo, já que não se trata de um simples agregado aleatório de fragmentos textuais, há autores que contestam essa característica, preferindo falar em multicentramento, como é o caso, por exemplo, Bolter (1991);
- Interatividade, cada usuário interage com as informações e com outros autores, conforme o seu próprio interesse individual na escolha das informações.
- Virtualidade, sem dúvida a essencial de todas elas, a escrita dessincroniza e deslocaliza, separadas no tempo e no espaço de sua fonte de emissão, portanto fora do contexto, como observa Levy (1996).

Esse novo texto possui além destas características técnicas citadas, outras que serão mencionadas no decorrer deste trabalho, e, cuja análise não está ligada somente às imagens e animações que flutuam no hipertexto, mas, sobretudo a fatores extra-textuais. Enfim, é necessário um enfoque, cujas explicações não ficarão limitadas ao suporte no qual a escrita se realiza, mas, certamente aos limites de sua possível recepção.

## **2.1 Hipertexto: A prática da leitura e suas transformações**

O filósofo e lingüista francês, Pierre Levy, diz que a palavra virtual é empregada com freqüência, no intuito de “significar a pura e simples ausência de existência, a realidade” supondo uma efetuação material, uma presença tangível.

Seguindo esta reflexão, rompendo com a questão da materialidade do texto impresso anteriormente citado, o hipertexto toma, especificamente no meio virtual, contornos e características imateriais.

A escrita digital se difere especificamente das demais escritas, por conta de ocorrer num espaço totalmente desprovido de materialidade, tornando-se assim um texto que gira em torno de uma dialética do possível e do real, segundo aponta Levy (1993), o hiperleitor ao realizar uma leitura se depara um vasto banco de informações potencializadas, não virtuais:

Pois, a entalhe digital e o programa de leitura predeterminam um conjunto de possíveis que, mesmo podendo ser imenso, ainda assim é numericamente finito e logicamente fechado...O armazenamento em memória digital é uma potencializarão, a exibição é uma realização (LEVY, 1996, p. 39-40).

As matrizes de textos estocadas no ambiente virtual estão esperando serem realizadas através da visualização, neste instante, o conteúdo ora integrado ao virtual, se realiza enquanto real, pois para o leitor que navega e acessa os nós que ligam as

informações, assim, tudo que até então era possível se realiza através da exibição em tela. Entretanto, este movimento de acessar, absorver e interpretar as informações contidas no hipertexto exige práticas de leitura e escrita diferentes das até então utilizadas na leitura tradicional.

Certamente, a cultura digital ou cibercultura, implica uma série de mudanças, sociais, culturais, políticas, cognitivas e lingüísticas, aos grupos que fazem o uso efetivo destas “tecnologias”, um exemplo das transformações contundentes no cotidiano das pessoas, pode-se citar, as ocorridas no processo licitatório Estatal na Bahia antes o ano de 2002, as relações entre licitantes e o Estado, dependiam de entrega presencial de papéis, gastos com autenticações entre outros deslocamentos que repercutiam negativamente na relação entre empresas e Estado. Após o ano de 2002, a adoção de contratos através de formulários disponíveis na internet, diminui a burocracia no processo licitatório e gerou uma democratização do mesmo, empresas que não tinham escritórios e acesso à estrutura física do Estado, integraram-se à Internet e puderam iniciar suas negociações junto ao Estado.

As práticas sócias devem também ser vistas como atividades reais e repetitivas que atendem às expectativas dos outros indivíduos, dentro do dia a dia das diversas instituições sociais, religiosas, educacionais, políticas etc. Saber utilizar adequadamente gêneros textuais/digitais quando se vivenciam eventos de letramento institucionais é fundamental para um bom desempenho do sujeito no campo cultural, econômico ou político. (XAVIER, 2003, p.6).

O letramento digital proposto por Xavier (2003), implica na realização de praticas de leitura e escrita diferentes da tradicional, estas atitudes impostas pelos novos eventos de letramento, impõe também ao professor que vislumbra o uso da internet para o ensino-apredizagem de línguas, posturas e abordagens pedagógicas que perpassem os limites físicos da instituição de ensino.

Até aqui, podemos perceber que as mudanças sociais, políticas e econômicas, exigem do sujeito ou grupo de pessoas letradas, não mais um letramento singular como era antes da comunicação digital, este novo contexto, requer habilidades que alternam de acordo com as mudanças históricas que acompanham as relações sociais.

O espaço da escrita hipertextual permite uma constante simbiose em busca da construção dos saberes, neste contexto participam diversos atores que: são programadores, escritores, leitores, graphic designers, dentre outros que contribuem para a construção e uso deste novo espaço de escrita e leitura. Considerando o hipertexto como uma escrita distinta e separada geograficamente da escrita tradicional e uma vez que cada tipo de escrita produz efeitos sociais, discursivos e cognitivos distintos, parece que emerge aqui, a necessidade de novas habilidades, novas práticas para trilhar a leitura no espaço virtual.

Deste modo, como já foi mencionado no capítulo anterior, esta nova sistemática que se faz necessária durante a leitura hipertextual, também considera-se um letramento contemporaneamente pontuado por Kleimman (1995) como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos para objetivos específicos. Diante desta concepção podemos deduzir que de modo geral os letramentos são praticas sociais de leitura e escrita, e suas ocorrências quando estas práticas são realizadas, como também as possíveis conseqüências dela sobre o meio social.

Com isso, a leitura e escrita hipertextual, suportada tecnicamente dentro da grande "internet", apresenta uma dinâmica bastante polivalente como reafirma Levy (1996), esta entidade virtual atualiza-se em múltiplas versões, edições, traduções, exemplares e cópias. Ao ler e tentar interpretar a escrita hipertextual, o leitor leva consigo esse conjunto de atualizações. Por isso, estas codificações não lineares, apesar de estarem molduradas dentro da circunferência da tela de um computador, contribuem para a inversão de papel. Isto é, o construtor da estrutura hipertextual, do traçado pontilhado, das possíveis dobras de sentido, já é um leitor, ora o que atualiza, exhibe o conteúdo das páginas, navega sobre os textos, se torna um escritor interminável, a partir do hipertexto, toda leitura se torna um ato de escrita (LEVY, 1996).

A relação do homem com os textos ocorrem de forma complexa. Depende acima de tudo do *estado* e da *condição* de quem realiza a escrita e de quem ler o hipertexto, para isso às atualizações (ato de exhibir) ocorrem de acordo com o processo

interpretativo de cada um, com o grau de letramento que esse ou aquele ator possui, variando também de acordo com a estética receptiva de cada sujeito.

A participação do hiperleitor na construção do texto ajusta a nova textualidade ao que se pode considerar uma revolução nas definições de textualidade em nossos dias. Esta mudança tem movimentado a comunidade de filósofos e lingüísticas que ainda buscam definir o que passa na mente do leitor quando ele interage com o vasto campo semiótico hipertextual. A exemplo desta comunidade, Pierre Levy, não se inquieta com definições delimitadas ao hipertexto, para ele, parece não existir razões para conceituarmos o hipertexto apenas como uma série de textos em forma de blocos que por sua vez se ligam através de nós, mas, sobretudo o hipertexto apresenta-se como uma metáfora de um mundo sem barreiras, fugindo do domínio da informática (virtual) e adentrando ao mundo das bibliotecas (físico). No livro, *O que é o virtual ?* Levy (1996, p.16) propõe que:

O próprio ato de ler consiste em hierarquizar, selecionar, esquematizar, construir uma rede de semânticas e integrar idéias a uma memória, então as técnicas digitais de hipertextualização e de navegação constituem de fato uma espécie de virtualização técnica ou de exteriorização dos processos de leitura.

Deste prisma, torna-se evidente que o hipertexto materializa a alteridade proposta pela virtualização, ele exterioriza ao mesmo tempo em que se mantém interiorizado, tornando-se uma matriz de como a mente realiza os processos de seleção e aquisição de informação (externa), processando-a internamente no ato de interpretação (interno). Os objetos gráficos, as cores, as animações, palavras e sons, ora são os objetos intersemióticos que compõem o texto digital, ao contrário da escrita tradicional, expande o universo de interpretação, possibilitando que o leitor associe os signos para uma formação de redes de sentido coesas.

Do ponto de vista funcional, a estrutura hipertextual é utilizada para a organização de dados, conhecimentos, a aquisição de informações e a comunicação, servindo como núcleo informativo onde o usuário navegador é quem vai escolher as possíveis trilhas a serem seguidas para a construção de suas significações.

A exposição de Langer (1986), assegura que durante o processo de leitura hipertextual, ocorre, "the interplay of mind and text that brings about new interpretations, reformulation of ideas, and new learning" (P.97), Ou seja, os diversos elementos semióticos expandem as possibilidades interpretativas do leitor, firmando-se assim como uma mudança na relação leitor e texto quando comparado à escrita tradicional, este amplo campo de pesquisa e a facilidade de acesso aos textos digitais, têm contribuído para uma democratização do acesso aos saberes e a construção dos conhecimentos coletivos.

Entretanto, o fato destes recursos terem contribuído para uma democratização do acesso, observa-se que a exclusão da população, sobretudo da rural, ainda é assustadora quando comparado à urbana, estudos mostram que apenas 12,78%<sup>2</sup> têm acesso a computadores no Brasil, sendo que somente 8,37 % têm acesso à Internet. A maior parte destes incluídos digitais, em torno de 97% se concentram nas áreas urbanas, aumentando o abismo que existe entre as zonas rurais e as urbanas. Estes percentuais apontam o cenário de exclusão digital em que vive grande parte da população brasileira. Apesar desta discrepância entre as zonas urbanas e rurais, nas localidades onde já se faz presente estes recursos, a construção do conhecimento coletivo se dá através da troca de informações em fóruns on-line, grupos de pesquisas e interações entre professores e estudantes nos blogs, salas de bate-papo e ambientes afins.

O processo de escrita e o sistema de leitura que se processa no meio virtual têm peculiaridades próprias, portanto, disponibiliza-se mais uma forma de se tentar registrar os pensamentos, idéias e/ou afirmações, sejam elas científicas ou não. Mas, esta dinâmica é acima de tudo um processo de abstração de sentido, ou seja, um texto conversa com outros textos, o leitor acessa as conexões que os ligam e a construção de sentido se dá no instante em que o leitor agencia de forma coesa (uma coesão que acontece em função dos sentidos construídos pelo leitor) o conjunto de textos, sons e imagens que ora constitui o hipertexto.

---

<sup>2</sup> Dados obtidos dos estudos que deram origem ao Mapa de Exclusão Digital do Brasil. Disponível em <<http://integracao.fgvsp.br/ano6/06/pesquisas.htm>> acessado em 27/04/2008.

Na verdade, Levy postula que na aventura da leitura hipertextual o que está em jogo não é o folhear de uma unidade de texto pronta e acabada, é, sobretudo a construção sempre a refazer, do inacabado, sempre em busca de uma geografia semântica considerável.

Esta leitura envolve a tomada de caminhos transversais, entrar e sair de redes secretas, um olhar minucioso em busca da construção de redes de sentido, ou seja:

Na abertura ao esforço de significação que vem do outro, trabalhando, esburacando, amarrotando, recortando o texto, incorporando-o em nós, destruindo-o, contribuimos para erigir a paisagem de sentido que nos habita. O texto serve aqui de vetor, de suporte ou de pretexto à atualização de nosso próprio espaço mental. (LEVY, 1996, p.37).

Essa vertigem semântica que alcançamos no processo da leitura do texto, potencialmente pode divergir das intenções reais do autor do texto, pois estão diretamente vinculadas à visão de mundo, de homem e de realidade que permeiam o imaginário do leitor, como os conhecimentos e as significações que este possui previamente, retomando aqui a idéia de condição e estado que Soares (2002) trata em relação ao letramento.

Desta forma, vale registrar que após todos os agenciamentos, decalques, recortes e dobras, que ocorrem durante a leitura do texto, o que voga não é mais o sentido do texto, mas a direção e a elaboração de nosso pensamento, a precisão de nossa imagem de mundo, a culminação de nossos projetos, afirma Levy (1996).

Enfim, o hipertexto é conforme propõe Xavier (2002), um espaço virtual inédito e exclusivo no qual tem lugar um modo digital de enunciar e construir sentido, assim, exigindo que os atores inseridos na leitura hipertextual, ajustem suas práticas para obtenção de êxito em seus projetos.

## 2.2 Hipertexto e Sentido

Dentre as principais funções do hipertexto, emerge a de hierarquizar e selecionar áreas de sentido, tecer ligações entre estas zonas, conectar o texto a outros documentos. Contudo, estas negociações ocorrem através dos hiperlinks, elementos que flutuam na superfície do hipertexto buscando atrair a atenção do leitor, convidando ele para uma leitura que complemente o assunto ora pesquisado.

Os hiperlinks por sua vez podem ser fixos (aqueles que ocupam um espaço estável e constante no site) ou móveis (os que se movem no espaço hipertextual, variando a sua aparição conforme as conveniências do produtor), desempenhando funções importantes, entre as quais a dêitica, a coesiva e a cognitiva, ressalta Koch (2002).

Para o autor, os hiperlinks dêiticos atuam como focalizadores de atenção, convidando o hiperleitor para uma fuga imediata do texto, mas sem perder de vista o texto ora lido, ou seja, os hipertextos ali pontencializados estão acessíveis a partir de um clique, sendo realizados no momento da escolha daquele hiperlink, visto que este, irá auxiliar o leitor no preenchimento de lacunas de significação que se fizer necessário na leitura do hipertexto. Como melhor define Koch (2002):

Os links são dotados de função dêitica pelo fato de monitorarem a atenção do leitor no sentido da seleção de focos de atenção, permitindo-lhe produzir uma leitura mais aprofundada e rica em pormenores sobre o tópico em curso, bem como cercar determinado problema por vários ângulos, já que remetem sempre a outros hipertextos que tratam de um mesmo tópico, complementando-se, reafirmando-se ou mesmo contradizendo-se uns aos outros. (p.64).

Certamente, os hiperlinks exercem papel essencial para complementar o sentido que em toda leitura se faz necessário. Do Ponto de vista lingüístico, os hiperlinks exercem uma função catafórica, pois direcionam o leitor para fora do texto ora lido, promovendo um êxodo em busca de informações que complementem o sentido. Por outro lado, os hiperlinks também possuem função coesiva uma vez que são responsáveis pelas conexões das diversas informações espacialmente distantes, findando-se de forma coerente.

É importante deixar claro que sem os hiperlinks, a leitura hipertextual poderia se tornar sem coesão e possivelmente cheias de lacunas de significação. Assim sendo, Koch (2002), assevera que:

Os links funcionam, portanto, como portas de entrada para outros espaços, visto que remetem o leitor a outros textos virtuais que vão incrementar a leitura. Cada um desses textos, uma vez atualizado, torna-se, por alguns instantes, centro de atenção do leitor, para, logo em seguida, descentralizar-se no momento da atualização de outro(s) texto(s) da rede. (p.03)

Certamente, os hiperlinks exercem papel essencial para complementar o sentido que em toda leitura se faz necessário, portanto, como bem esclarece Levy (1996), um pensamento se atualiza num texto e um texto numa leitura (numa interpretação). Ao remontar essa encosta da atualização, a passagem ao hipertexto é uma virtualização.

Por este motivo, cada leitura de um hipertexto é um evento diferente, haja vista que cada escolha do hiperleitor vai o levar a atualizações e significações diferentes das anteriormente realizadas. Além disso, Xavier, Chartier, Koch e Levy, acreditam que o hipertexto e a Internet possibilitam a integração entre as várias disciplinas, realizando a desejada *interdisciplinaridade* que em determinado sentido dissolve os limites entre áreas do conhecimento<sup>3</sup>. Ainda no processamento textual, os interlocutores utilizam agenciamentos nas diversas áreas do conhecimento (lingüísticos, históricos, geográficos), na tentativa final de construir uma memória textual palpável à sua compreensão, utilizando para isto, estratégias sócio-cognitivas pertinentes à particularidade de cada leitor.

Enfim, o processo de estruturação hipertextual, permite uma gama diversificada de dobras que possivelmente poderão permitir ao leitor um aprofundamento no tema pesquisado, possibilitando a formatação de um leitor, co-autor do texto uma vez que ele decidirá quais caminhos seguir no decorrer dos elos a serem percorridos, em busca constante de redes sentidos estáveis.

---

<sup>3</sup> Koch diz que "o hipertexto é, por natureza e essência, intertextual". (2003, p.61).

Outro aspecto importante é a ausência de margens que delimite o leitor em determinado espaço, o corpo do texto permite uma grande diversidade de escolhas de leitura e interferências online. Ou seja, no caso de um livro impresso, a seqüência do texto está pré-estabelecida pela linearização e paginação, prendendo o leitor naquele espaço totalmente realizado.

Por outro lado, o sentido que se constrói durante a leitura do hipertexto é circunstancialmente cansativa e constante, uma vez que a construção é feita através das diversas vias que são percorridas pelo leitor, exigindo do leitor hipertextual um alto grau de associação de fatos, imagens, dados, informações de modo geral, protocolos que a leitura dos textos impressos não exige. Tudo isso ocorre porque o hipertexto se constitui em forma de blocos de informações e a junção destes formará o todo que será as redes de sentido.

É este processo de criação de redes de sentido que coloca o leitor na condição simultânea de co-autor do texto, uma vez que o processo de estruturação textual do hipertexto, coloca o leitor na condição de definir quais blocos de textos participarão do fluxo de sua leitura sem se prender a uma seqüência fixa estabelecidas pelos autores.

Por isso, a escrita digital desconstrói a hierarquia tradicional entre o leitor, autor e o texto, produzindo assim novas práticas de leitura descentralizada e desterritorializada, rompendo com a idéia de texto acabado, promovendo constantemente um fechamento e abertura do texto no momento que o leitor almejar.

Entretanto, estes aspectos do hipertexto podem, por outro lado, desorientar o leitor, portanto, Marcushi (1996), afirma que a leitura hipertextual exige do leitor um maior grau de conhecimentos prévios, e maior consciência quanto ao buscado, já que é um convite à escolhas muitas vezes inconseqüentes, enfim, a leitura e escrita no meio virtual requer um letramento singular para fins específicos.

Desta forma, o hipertexto foi construído para ser lido e interpretado, é uma forma de escrita que parece revolucionar as relações até então aceitas dentre leitor e

texto possibilitam um uso imediato e um proveito instantâneo, delegando ao leitor conhecimento prévio e moderação ao textualizar suas indagações.

Enfim, sem querer entrar no mérito de rotular bom ou ruim, acadêmico ou coloquial, a escrita hipertextual potencializa o armazenamento de informações dos mais variados gêneros, e estas são acessadas, editadas e construídas de qualquer lugar do mundo, permitindo aos atores negociarem suas vontades e conclusões de forma coletiva, para isso, basta somente um computador conectado à internet e conhecimento técnico elementar para começar a aventura hipertextual.

Com a integração da tecnologia e educação possivelmente poderemos imaginar que muito em breve todos os processos pedagógicos serão mediados através da informática. Neste sentido, o hipertexto irá ter um papel muito preponderante para ajudar construir as redes de sentido que envolve o ensino-aprendizagem.

Novas práticas pedagógicas serão construídas neste processo, embora o sucesso deste novo caminho que a educação está se integrando, esteja condicionada a uma imprescindível aceitação e capacitação dos mediadores de ensino - aprendizagem: Os professores, alunos, Coordenadores e diretores de modo geral. Neste sentido, Alava (2002) ressalta que:

O saber já não é mais um produto pré-constituído e midiaticamente definido, mas um resultado de um trabalho individual ou coletivo a partir de informações ou de situações midiaticamente concebidas, para oferecer ao aluno ou ao estudante oportunidades de mediação" (p. 14)

Re-contextualizando a afirmação acima, acredita-se que o ensino ora concebido com a figura centralizada do Mestre, ingressa agora em uma descentralização irreversível, assim como acontece com a leitura e escrita digital, esta quebra de paradigmas será tanto do ponto de vista do ensino quanto o da aprendizagem, uma vez que o processo agrega novas práticas sociais e culturais de leitura e escrita, sobretudo pelo uso do hipertexto. É nesta perspectiva que iniciaremos

o próximo tópico, buscando explorar e descrever possíveis abordagens pedagógicas usando os recursos técnicos inerentes à estrutura hipertextual.

### **3. Ensino e aprendizagem: Uma perspectiva hipertextual.**

Considerando, os espaços disponíveis no meio virtual: salas de bate papo, fóruns, correios eletrônicos, softwares educativos e ambientes virtuais de aprendizado, observamos possibilidades de se expandir às práticas de ensino-aprendizagem que ora as escolas têm aplicado junto aos alunos. Neste sentido, Menezes (2001), assegura que estes ambientes, além de serem mais propícios a um tipo de educação menos conservadora, representam um estímulo a abordagens de ensino mais centradas no aluno.

Ao contrário do ensino tradicional que busca uma centralização na figura do professor, este por sua vez auxilia o aluno na construção do sentido e interpretações acerca de determinados temas, logo, as abordagens no ambiente virtual estimulam o aluno a criar uma autonomia em busca do conhecimento. Isso ocorre, tanto pela estrutura dos textos, que se ligam aos outros em forma de redes, quanto pela liberdade que o navegador tem de escolher quais informações deverão ser associadas ao tema pesquisado. Nesta vertente, o professor não poderá contabilizar a quantidade de associações temáticas serão acessadas pelo aluno. Possivelmente este aluno-leitor, ao voltar para a discussão em sala de aula, trará consigo referências que nem mesmo o professor teria conhecimento, extrapolando assim os limites geográficos presumidos pelo livro, o professor e até mesmo a escola.

Assim, a sala de aula e as relações dos atores no processo de ensino-aprendizagem, não devem permanecer centradas nos livros e na tradição oral. Alava (2002) ressalta que o aparecimento das tecnologias da informação e da comunicação pode ser a alavanca de inovações pedagógicas na construção dos saberes, os espaços virtuais onde ora acontecem as interações, favorecem a apropriação pelo sujeito de

suas próprias condutas de formação, cabendo a ele conduzir seu trajeto no percurso de formação.

A utilização dos recursos virtuais para o ensino modifica, sobretudo a relação entre o professor e o aluno, aquele deixa de ser o transmissor de conhecimentos para ser aquele que ajuda a organizar as informações, este por sua vez, pode se engajar em grupos de discussões, leituras, interações com imagens proporcionam situações de aprendizagem que reforçam a autonomia e a interpessoalidade do aluno.

As atividades amparadas pela tecnologia de informação, utilizando o computador para viabilizar interações, apresentações de trabalhos, desenvolvimento de pesquisas e trabalhos acadêmicos, estudo de conteúdos, atividades de ensino presencial e a distância, recursos estes que favorecem a construção e o desenvolvimento de esquemas de pensamento no aluno – tudo isso enriquecido pelo uso de hipermídia e da internet. (ALAVA, 2002, p.38).

Com a maioria das escolas atualmente já integradas ou se integrando aos recursos tecnológicos, percebe-se que a cada instante não caberá Projetos Pedagógicos que não contemplem atividades inseridas no contexto das *tecnologias intelectuais*<sup>4</sup>.

Neste sentido, o momento atual favorece as pesquisas ligadas ao uso de tecnologias e suas relações com a eficácia na construção do conhecimento. É necessário que as atividades nestes ambientes devem ser acompanhadas de perto pelo professor, tendo em vista os seus objetivos pedagógicos, ressalta Moreira & Costa (2001 p. 122).

Teoricamente os ambientes de interações virtuais devem favorecer a uma autonomia do ensino-aprendizagem por parte do professor e aluno, entretanto deve-se alertar para alguns cuidados que devem ser tomados para evitar perda de objetivos das atividades, um controle constante do que o aluno acessa é importante, assim elimina-se desvios que naturalmente ocorrem nas atividades hipertextuais. As escritas digitais em sua totalidade possuem elementos que facilmente pode desligar o leitor do tema

<sup>4</sup> Levy (1993) define tecnologia intelectual como o conjunto de recursos técnicos que influenciam a cultura e forma de construção do conhecimento numa sociedade.

pesquisado, assim faz-se pertinente a criação sistêmica de abordagens que visem certo controle sobre estes possíveis “desvios”.

Por outro lado, estes problemas podem ser solucionados até mesmo localmente, a instalação de filtros nos computadores pode facilmente impedir o acesso de páginas que não contemplam a temática pesquisada, podendo ser agregados aos saberes técnicos individuais de cada mediador (professor), juntos favoreceram ao gerenciamento das atividades em ambiente virtual.

A pesquisa em *sites* especializados também se apresenta como uma boa opção para o ensino com os recursos virtuais, nesta perspectiva o aluno trabalha o raciocínio e solução de problemas, buscando informações sobre um determinado assunto, até atingir uma resposta satisfatória.

Do ponto de vista da midiatização, antes de mais nada é preciso considerar sua natureza de multimídia, e sua estrutura de hipertexto, e mesmo de hipermídia, que constituem duas de suas características semióticas e cognitivas essenciais...essas tecnologias produzem sentido e significado sob diversas formas, por meios de registros semióticos distintos: língua natural, linguagens visuais, audiovisuais e texto visuais, etc. (PERAYA, 2002, p. 30).

Desta forma, por meio destas tecnologias, busca-se a construção do conhecimento de forma coletiva e autônoma, sujeitos em espaços e tempos distintos, integram o mesmo ambiente virtual ou a mesma comunidade virtual de aprendizagem. Por outro lado, estes espaços têm favorecido aos problemas de plágio que têm surgido com grande frequência em torno do uso da escrita digital, as possibilidades de recortes e cópias que os aplicativos informáticos permitem, potencializa a execução de tais práticas dentre alguns perfis de alunos e professores, entretanto, não se têm notícias de um estudo sistematizado que aponte o número de teses de doutorado e mestrado quem são plagiadas no Brasil.

Vale enfatizar que os resultados serão obtidos à medida que os atores envolvidos no processo mudem sua forma de conceber a educação, rompendo o paradigma tradicional de ensino, no qual o professor deposita conteúdos no aluno, que

rapidamente conseguem esquecer-los, pois não foram conhecimentos construídos: foram apenas informações transmitidas e decoradas, propõe Freire (1996 p.28).

Portanto, a simples inserção de computadores e ferramentas didáticas para se integrarem ao ensino tradicional não promoverá os avanços esperados com o aproveitamento das novas tecnologias, mas a prática pedagógica nestes novos espaços tem potencial para assegurar a autonomia e o desenvolvimento do aluno aumentando assim o campo de significação e intersubjetividade em contato com os ambientes virtuais.

Por essa ótica, o professor não perderá a sua condição de ator no processo educativo, contudo agora adotará o papel de articulador, comunicador, mediador de conhecimentos, promovendo assim provocações que farão o aluno tráfegarem por entre as zonas de desenvolvimento real, proximal e potencial, como sugere Vygotsky<sup>5</sup>(1991).

Desta forma, a educação parece não perder com o uso dos recursos tecnológicos, a extensão do campo de possibilidades na construção e comunicação dos saberes, apresenta-se como um dinamizador que pode ser seguido, entretanto, pode-se adotar medidas que visem uma integração gradativa e sistematizada buscando não causar espanto nem resistência por parte dos atores, pois a teia de informações que são disponibilizados no espaço virtual, potencializa as interações entre o sujeito e o saber, liberando o aluno para trilhar seus próprios caminhos e busca do conhecimento, permitindo o rever dos conhecimentos já construídos e a construção de novos saberes.

---

<sup>5</sup> Vygotsky descreve dois níveis de desenvolvimento, denominados desenvolvimento real e desenvolvimento potencial. O desenvolvimento real é aquele que já foi consolidado pelo indivíduo, de forma a torná-lo capaz de resolver situações utilizando seu conhecimento de forma autônoma. O nível de desenvolvimento real é dinâmico, aumenta dialeticamente com os movimentos do processo de aprendizagem. O desenvolvimento potencial é determinado pelas habilidades que o indivíduo já construiu, porém encontram-se em processo. Enfim, o Proximal, determina uma zona intermediária onde o indivíduo fornece indícios do Potencial.

Na tentativa de definir o contexto que vivenciamos atualmente, Tapscott (1999), afirma que:

A geração digital cria novas formas de se relacionarem com as tecnologias e com o mundo, dentro de uma lógica não linear e rizomática em que as construções ocorrem por associações e *links*. Nesse sentido, pensar uma educação em que as tecnologias digitais possam estar presentes, significa dizer que ela não poderá ser linear, nem hierárquica e que será preciso mudar o paradigma educacional tradicional. (TAPSCOTT, 1999, p.86).

Nesse aspecto, evidencia-se que as redes de sentido são constituídas através da interação direta do leitor e os elementos semióticos intrínsecos ao espaço hipertextual, onde a relação hierárquica dos atores do processo de ensino-aprendizagem perpassa pelo deslocamento entre da condição de centralizador de induções para a de gerenciador de conteúdos e ferramentas didáticas por parte do professor, logo o aluno interage diretamente com os textos, se movendo dinamicamente em busca da construção de redes de sentido que tragam significações consistentes em relação ao assunto pesquisado.

Enfim, no que se trata especialmente do ensino de línguas, entende-se que é inegável a contribuição dos ambientes digitais para esta prática, o contato com vídeos, sons e imagens propicia uma associação contextualizada dos elementos lingüísticos, além do mais, a interação em fóruns, salas de bate-papo, programas e vídeo conferência, aproximam o aluno da língua alvo, esclarece dúvidas que surgem no processo de aprendizagem de línguas e possibilita uma prática natural dos códigos e estrutura já adquiridos.

Portanto, pensar nas possibilidades interativas que as tecnologias da informação e comunicação concebem para o processo educativo, pode ser um divisor de águas, mas é acima de tudo uma forma de reduzir a lacuna entre incluídos e excluídos, promovendo um repensar da própria educação ainda baseada na lógica comunicacional linear, seqüenciada e bancária.

### Considerações finais

As provocações contidas neste trabalho, avançaram no sentido de mostrar que as tecnologias computacionais e o hipertexto, convergem para que os atores envolvidos nos processos de comunicação, ocorridos naqueles ambientes, adquiram um novo tipo de letramento, não pelo fato do contexto sócio-técnico no qual a escrita digital se insere seja determinante para estas mudanças nas práticas sociais, mas pelo fato delas condicionarem sujeitos e sociedade a tais movimentos, sob pena de ficar de fora das conquistas econômicas, sociais e políticas inerentes à cibercultura. Outra vertente discutida foi a questão de que as presenças de outros elementos enunciativos além dos verbais, contribuem para um envolvimento claro e interativo, quando som, imagem e texto são agregados num mesmo espaço, promovendo assim uma possibilidade de expandir as soluções interpretativas dos códigos.

Observamos também que a escrita digital possui estrutura e forma leitura distinta da tradicional, expondo desta forma as implicações lingüísticas que envolvem uma leitura hipertextual em relação à leitura tradicional desenhada na página do livro. Os elementos coesivos, os agenciamentos, os eios, as pontes que ligam os textos (hiperlinks), tendem a facilitar a leitura hipertextual, ajudando ao leitor associar de maneira direta as correlações que o tema pesquisado tem em comum com outros textos disponíveis na Web. Por outro lado, colocou-se também a necessidade de requisito técnico para manipular de forma satisfatória os recursos disponibilizados pelas tecnologias computacionais.

Outro ponto relevante citado neste trabalho, ainda que de forma superficial, foi à necessidade de integração entre os mediadores do processo de ensino aprendizagem com as tecnologias da informação, sobretudo pela carência que existe no campo da educação de construir projetos pedagógicos que possam interagir naturalmente junto a Internet e seus recursos: (programas, fóruns, vídeos, rádios, animações), principalmente pela possibilidade de se realizar ações mentais juntos a estes recursos que nunca foram executadas antes.

Enfim, buscou-se mostrar as características próprias que o hipertexto tem em relação ao texto impresso, seja por conta do suporte, da agilidade com que as informações se inscrevem, da imaterialidade, da não-linearidade ou da intertextualidade infinita, talvez, seja em razão de uma natureza inédita e plural, que o hipertexto e as novas tecnologias venham condicionar os cidadãos e as sociedades a reconstruir ou atualizar suas práticas sociais de escrita e leitura junto aos novos espaços de comunicação e interação baseados na escrita.

## Referências

ALAVA, Serafim Et al. **Ciberespaço e formações abertas**: Rumo a novas práticas educacionais. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BAIRON, Sergio. **Multimídia**. São Paulo: Global, 1995.

BOLTER, JAY. **Writing Spaces: the computer, hypertext, and the history of writing**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1991.

CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da Leitura**. São Paulo, Estação Liberdade, 2001.

COSTA, José Wilson; OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro (Org.). **Novas linguagens e novas tecnologias**: Educação e Sociabilidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

DIAS, Claudia Augusto. **Hipertexto**: Evolução histórica e efeitos sociais. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v28n3/v28n3a4.pdf> <acessado em 29 de março de 2008>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática pedagógica**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

KLEIMAN, Ângela. **Alfabetização e Letramento: perspectivas lingüísticas**. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

KOCH, Ingedore Villaça. **A Construção de sentidos no hipertexto**: Demandas lingüísticas e cognitivas. Disponível em: [www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v51-1/02-Koch.pdf](http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v51-1/02-Koch.pdf) <acessado em 22 de dezembro de 2007>.

KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Contexto, 2002.

KOMESU, Fabiana. **O Autor e o leitor no hipertexto**. Disponível em : <http://www.gel.org.br/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/o-autor-e-oleitor-407.pdf?SQMSESSID=a38ffc79c82bcbe561e1c641326fd16c> <acessado em 15/11/2007>.

\_\_\_\_\_. **Pensar em hipertexto**. Disponível em : <http://www.ufpe.br/nete/artigos/hipertexto.pdf> <acessado em 10 de novembro de 2007>.

LANGER, J.A. **Children Reading and Writing: Structures and Strategies**. Norwood: Ablex, 1986.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Coleção TRANS. Editora 34, 1997.

\_\_\_\_\_. **O que é o virtual?** São Paulo: Coleção TRANS. Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_. **As tecnologias da Inteligência**. São Paulo: Coleção TRANS. Editora 34, 1993.

\_\_\_\_\_. **Tecnologias intelectuais e modos de conhecer: Nós somos o texto**. Disponível em [www.netecola.pr.gov.br/netecola/escola/27942018/TecnologiasIntelectuais-PierreLévy.doc](http://www.netecola.pr.gov.br/netecola/escola/27942018/TecnologiasIntelectuais-PierreLévy.doc) < Acessado em 26 de março de 2008>.

MARCUSHI, Luiz Antonio. **O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula**. Disponível em: [http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v4n1/f\\_marcuschi.pdf](http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v4n1/f_marcuschi.pdf) <acessado em 08 de dezembro de 2007>.

MOREIRA, Mércia.; COSTA, Jose. Wilson.; OLIVEIRA, Celina. **Ambientes Virtuais de Aprendizagem**. São Paulo: Papirus, 2001.

PERAYA, D. **Une revolution sémiotique**. France: Grame, 1998.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Leituras sobre o hipertexto**: trilhas para o pesquisador. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehete/artigos> <acessado em 02 de novembro de 2007>.

SOARES, Magda. **Letramento**: Um tema três gêneros. Belo Horizonte: Autentica, 2004.

\_\_\_\_\_. **Novas Práticas de Leitura e escrita**: Letramento na cibercultura. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf> <acessado em 11 de fevereiro de 2008>.

TAPSCOTT, Don. **Geração Digital**. São Paulo: Macron Books, 1999. VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

VANNEVAR, Bush. **As we may think**. Disponível em: [www.theatlantic.com/doc/194507/bush](http://www.theatlantic.com/doc/194507/bush) <acessado em 07 de dezembro de 2007>.

VIGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WATSON, Alexander. **Hipertext**: composition and critical theory. disponível em : <http://www.colleges.org/techcenter/Fellowships/grants/fellows01/alexander.pdf> <acessado em 16 de novembro de 2007>.

XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. **Letramento Digital**. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehete/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf> <acessado em 20/12/2007>.